



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

QUEM PORFIA...

Por LEONOR de CAMPOS

EM certa aldeia da Beira vivia um casal com seu único filho. Tanto a mulher como o homem trabalhavam sem descanso, de sol a sol; ela nas lidas da casa e ele no amanho de terras que lhes não pertenciam. Trabalhavam, trabalhavam, mas não conseguiam amearhar um tostão. Até que, cansado de labutar sem proveito, o Estêvão Rapozinho — assim se chamava o homem — resolveu abalar para o Brasil em busca de melhor sorte. E, indiferente aos pedidos da mulher, a Augusta Rapozinha, e às lágrimas do seu Artur, o Estêvão vendeu um terreno que possuía, com o produto comprou a passagem e ele aí vai, saído mas confiante nas riquezas d'esses *Brasis*.

E repetiu-se com ele o que a maior parte das vezes se dá com outros emigrantes: não foi feliz. Nas cartas que enviava à mulher, em vez do dinheiro que lhe prometera, só havia queixas e lástimas. Trabalhava mais ainda do que em Portugal. E estava mais pobre do que ao embarcar, visto que nem o pequeno terreno herdado dos pais lhe pertencia já.

A senhora Augusta chorava que se matava quando lia as cartas do marido. Mas o Artur, um rapazinho forte e corajoso, tratava logo de a consolar:

— «Deixe, mãe, não se aflija. Logo que eu seja um homem, verá como tudo muda. Hei-de trabalhar tanto, que hei-de conseguir vê-la toda asseada, com lenço de seda e sapatos de verniz, na missa de domingo!...»

Então a senhora Augusta sorria por entre as lágrimas e agarrava-se ao filho a beijá-lo, a beijá-lo sôfregamente.

Passaram três anos. As cartas do Brasil eram sempre tristes, desoladoras. A senhora Augusta, para sustentar a casa, lavava roupa a algumas famílias da vila próxima e sempre que a chamavam ia trabalhar a dias. O Artur, com 15 anos, já ganhava também alguma coisa. Mas ainda não era o suficiente para que a mãe pudesse ir «*de lenço de seda e sapatos de verniz, à missa do domingo.*»

E o tempo ia passando e a situação não melhorava. Até que deu-se um dia nova catástrofe: sem que a senhora Augusta reparasse, quando cozinhava, saltou uma brasa da lareira para o chão velho e carunchoso.

... E a casa ardeu rapidamente, sem que a mãe e o filho tivessem possibilidade de salvar senão uns míseros trapinhos. Ficaram sem coisa alguma.

Então, uma vizinha, pobrezinha mas caritativa, cheia de dó, disse à senhora Augusta, que soluçava abraçada ao filho:

— «Pronto, mulher. Não chores mais. Então que se lhe há-de fazer? O que não tem remédio, remediado está!... Vem daí comigo a mais o teu filho. A minha casa é grande de mais para mim. Sempre arranjam espaço para outras duas energas. E tenho a certeza de que da nossa terra todos te ajudarão com o que puderem!...»

— «Decerto!... Decerto!...» — rematou o côro de ovinetes, composto da maioria dos habitantes da aldeia, que tinham auxiliado a combater o incêndio, infelizmente sem resultado.

(Continua na página 5)



DEVAGAR SE VAI AO LONGE

Por MARIA DOS MILAGRES

O Artur e o Manuel eram dois irmãos que em nada se pareciam um com o outro. Artur, o mais velho, era muito inteligente mas descuidado e inconstante, ao passo que o Manuel, ainda que menos esperto, o suplantava muitas vezes nos estudos pela sua perseverança e vontade de trabalhar.

Um dia, foram eles encarregados pelo professor, de escreverem uma composição sobre a arte e religião dos egípcios, o que muito alegrou o Artur pois a História era a sua disciplina preferida e ia ter mais uma ocasião de mostrar, ao mestre e aos condiscípulos, os profundos conheci-



mentos que possuía. O pobre Manuel ficou um tanto preocupado, pois que, há muito já, tinham estudado a civilização egípcia e ele não se lembrava bem de certos pormenores.

O professor obrigara-os, de mais a mais, a darem a palavra de honra que não consultariam o livro e escreveriam apenas aquilo de que se lembrassem e o Manuel era incapaz de faltar à sua palavra.

Voltaram, pois, os dois irmãos para casa; o Artur, todo satisfeito e o Manuel a matutar no que iria escrever.

Logo que chegaram, dispôs-se o Artur a ir brincar para o jardim, ao passo que o irmão se sentava em frente da mesa de trabalho, com lápis na mão e o papel necessário.

— «Mas, então, que vais tu fazer, não queres vir brincar?» — perguntou Artur.

— «Não, preciso de escrever a minha composição. Tenho pouca memória e hei-de fazer grandes esforços para me lembrar do que estudei.» —

— «Ora, deixa-te disso!» — tornou o Artur — Já tu estás com a preocupação do exercício e só temos que o



entregar depois de amanhã. Uma coisa tão fácil e que toda a gente sabe, ainda por cima!»

— «Vai tu, se queres.» — (respondeu o Manuel) — Não possuo a tua inteligência e saber para poder fiar-me neles e ir divertir-me.»

O Artur encolheu os ombros com superioridade e foi-se embora, certíssimo de que, no outro dia, faria o seu exercício em dez ou cinco minutos, ficando o nosso Manuel todo entregue ao seu trabalho.

Começou este, tentando lembrar-se do que já tinha estudado, o que conseguia com algum custo. Recordava-se da religião e arte egípcias, mas não tão bem que pudesse escrever depressa sobre este assunto uma composição certa e sem defeitos. Começou, então, a apontar todas as palavras e ideas que lhe ocorriam, esforçando-se por reuni-las o mais logicamente possível. Assim, pensou: «Os egípcios eram politeístas e muito religiosos. Adoravam, pois, muitos deuses e construíam casas para eles. Ora estas casas para os deuses, chamavam-se templos, e, como os deuses eram muitos, construíram-se muitos templos. Aqui está já qualquer coisa que posso escrever sem receio de me enganar: o povo egípcio foi profundamente religioso e construiu templos para os deuses. E, é verdade, lembro-me também que os egípcios criam na imortalidade da alma.

Pensavam que, para além da morte, se vivia ainda e se precisava de comer e beber como em vida. Ora, nesse caso, os mortos tinham também que ter casas para continuarem a existir nelas e os egípcios construíram-nas. Eram os túmulos. Mas, assim, se eles erguiam templos para os deuses que eram tantos e túmulos para os mortos, muito haviam de trabalhar! Como é que lhes ficava tempo para fazerem palácios bonitos com colunas e pinturas, para os vivos?!... Não, agora me lembro que este povo vivia, não em palácios, mas sim, em casas pequenas construídas com tijolo e não com mármore. Bem, já posso escrever mais isto: O povo egípcio dedicou-se à

arquitectura, mas esta arte teve carácter religioso e mortuário.

Desta maneira, com muitas hesitações e paciência, conseguiu o Manuel escrever a primeira parte da sua composição. Ao jantar, o irmão troçou-o e comentou a pouca memória que o obrigava a estafar-se, enquanto ele podia brincar, mas o Manuel não se importou. No dia seguinte, ou nas aulas ou no recreio, lá estava ele de papel e lápis a tomar nota de tudo quanto lhe vinha à idéa sobre a religião egípcia e, ao vir para casa, já trazia bastantes elementos precisos. Deitou-se ao trabalho e, como na véspera, foi seguindo as suas recordações, esforçando-se por se lembrar, ou, se o não conseguia, tirando conclusões do que já tinha escrito. Ao faltar um quarto de hora para o jantar, lembrou-se Artur da composição, quando exactamente o Manuel dava a sua por terminada.

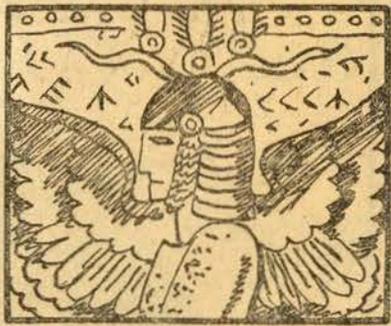
— «Ora — (disse o Artur) — isto faz-se num instante, queres vêr?»

E' facilímo, não custa nada. Começemos: A arte egípcia era uma arte muito... queres dizer... era toda ela de sumptuosidade e luxo. Ou não era?... Não me lembro bem, mas não faz mal, vou primeiro tratar da religião e depois é um momento. Vejamos: Os egípcios eram politeístas, adoravam vários deuses... é isso mesmo.

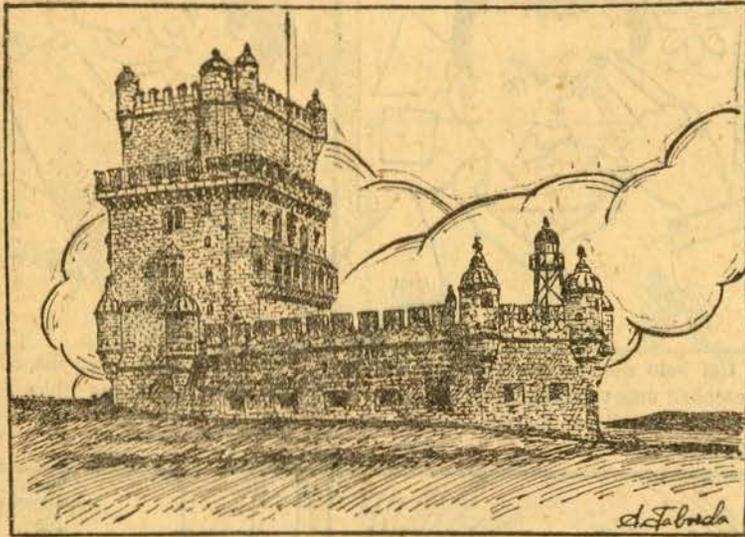
E então e depois? O que resultava daí? Não estou muito certo mas agora vou jantar e farei logo o exercício melhor.»

Depois de jantar foi a mesma coisa. O Artur não se lembrava lá muito bem e, como não tinha a paciência e o bom método do irmão, nem tempo já, viu-se e desejou-se para escrever uma dúzia de linhas.

Nada quiz perguntar ao Manuel e este muito admirado ficou quando, no outro dia, o professor disse na aula que a sua composição era a melhor, ao passo que a pior era a do Artur. Pensou então consigo que tinham sido bem empregadas as horas gastas e os esforços feitos, pois que isto lhe valera um elogio do mestre e uma boa nota na caderneta.



CONCURSO DOS PALACIOS
E E
MONUMENTOS DE PORTUGAL



REFERÊNCIA
AUXILIAR

A ideia da construção do presente monumento é atribuída ao rei D. João II, cujo falecimento veio impedir que desse realização ao seu projecto.

Contudo, no local designado pelo seu antecessor, o rei D. Manuel I, no ano de 1514, fez dar início ao seu levantamento, dando-lhe o nome de Baluarte do Restêlo. Em 1519 já a admirável construção se encontrava concluída.

Mais tarde a sua torre foi demolida para dar lugar a outra de aspecto diverso da primitiva, mas em 1846, graças a uma habil restauração, voltou à primeira forma.

Foi seu principal architecto Francisco da Arruda, sendo durante muito tempo, o projecto erradamente attribuido ao cronista Garcia de Resende. Teve como primeiro e último governador, respectivamente, Gaspar de Paiva em 1517 e Duque da Terceira que faleceu em 1860.

QUEM PORFIA... (Continuado da página 1)



E a senhora Augusta recolheu a casa da boa vizinha Inácia.

Pouco depois, começavam a chegar os presentes:

Um, trazia uma galinha. Outro, dois frangos. Outro ainda, um coelho. O tio Sebastião Grande, o único proprietário rico da aldeia, ofereceu uma saca de farinha. E assim, sucessivamente, todos deram do pouco que possuíam, para aliviar a miséria daqueles desgraçados.

O Artur, sempre corajoso, embora nos primeiros momentos tivesse succumbido, sentia-se agora reanimar.

E dizia à mãe:

— «Vai ver, mãe, como a gente há-de conseguir erguer outra vez a nossa casinha!... Tenho fé em Deus e na Senhora dos Remédios!...»

Mas a senhora Augusta abanava a cabeça e sorria tristemente, sem responder.

A senhora Augusta andava triste, abatida, sem ânimo para coisa alguma. Não dormia, mal comia, quasi não falava. Todas as manhãs, apenas rompia o sol, ela abalava de casa da senhora Inácia. E quem a quizesse ver, durante o resto do dia, teria que procurá-la entre os escombros da sua casinha. Ali passava a vida, sentada num pedregulho, o olhar perdido... a cismar... a cismar...

O Artur, como filho extremoso, sofria por ver a mãe naquele estado. E uma ideia lhe entrou na cabeça.

Resolveu confiá-la à senhora Inácia, que logo a aprovou, aconselhando-o:

— «Olha, rapaz. É escusado falares nisso a tua mãe. A pobre não te dava atenção. Anda tão arredada de tudo!...

Parece uma alma penada, salvo seja!...»

Então o Artur, ao outro dia, de madrugada, meteu em três grandes cestas os frangos e os coelhos que lhes tinham oferecido a quando do incêndio, pediu emprestado um burrico ao tio Sebastião Grande e abalou para a vila próxima, a fim de vender tudo aquilo.

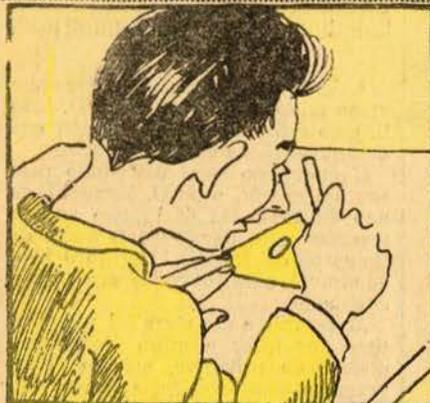
Era dia de feira na vila. O Artur instalou-se logo com a sua mercadoria. E tão bem se houve, que, uma hora depois, tinha tudo vendido.

Dirigiu-se logo ao lugar onde se vendia gado e, depois de muito regatear, com o produto dos frangos e coelhos comprou uma cabrinha.

Lembrou-se, então, dos fregueses de sua mãe, que, decerto, estranhavam já a ausência dela. E o Artur dirigiu-se a casa de cada um, a informá-los dos motivos dessa ausência. Todos eles, condoídos, lamentaram a situação da pobre senhora Augusta e deram ao Artur algum dinheiro para ajuda do seu sustento, enquanto a mãe não podia trabalhar.

(Continua no próximo número)

Jeremias inventor



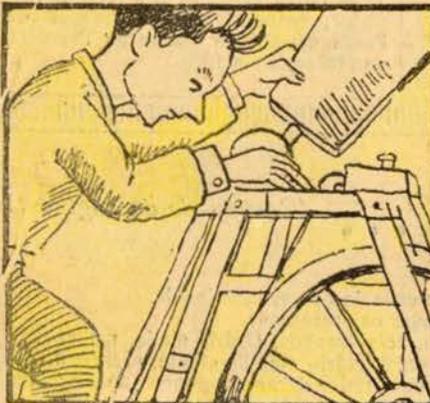
Jeremias passava o melhor do seu tempo, a matutar inventos, rabiscando e desenhando maquinismos e engenhocas.



Um belo dia, meteu-se-lhe em cabeça descobrir uma ventoinha mecânica, movida a pedal, sem dispêndio, portanto, de energia eléctrica.



Para conseguir o seu fim, foi buscar velas do moíno que tinha sôbre o sêpço...



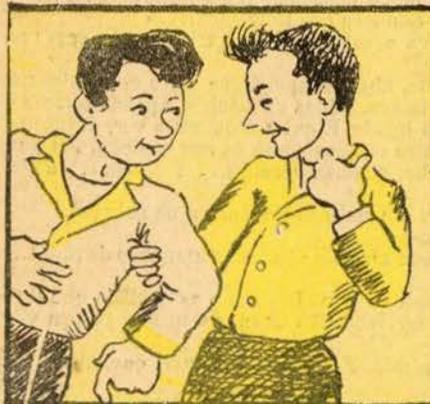
... e aplicou-as à traquitana dum «amola facas e tesouras»,



construindo, assim, a monumental ventoinha que colocou a um canto do seu melhor aposento.



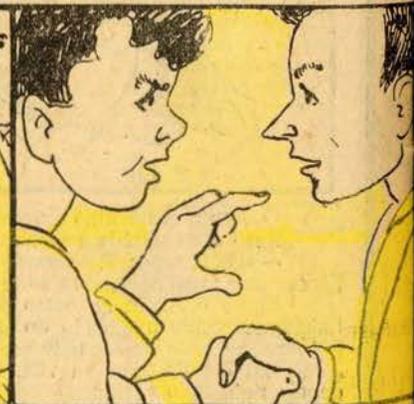
Com grande satisfação, pôs-se a pedalar e viu, radiante, as velas a girarem, desfilando o ar fortemente.



Chamando um amigo, para assistir à definitiva experiência, pediu-lhe a sua opinião.



Ao vê-lo a suar em bica, à força de pedalar,



diz-lhe, então, o amigo: — «Felicitos pelo teu genial invento. E' ótimo para aquecer. Guarda-o para o Inverno.

HISTÓRIA VERDADEIRA DUM GATO MAU

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

DESDE que aquele vidro cheio de peixes, estava em cima da mesa, o Tareco andava mal disposto e não fazia o seu costumeado «rom-rom» ao colo dos donos.

A Clarinha já lhe perguntara, ao alisar-lhe o pêlo ma-



Para pôr em prática o seu plano, o Tareco estendeu-se ao sol na varanda e fingiu dormir.

Daí a bocada, a Clarinha veio para perto dele, trincando uma fatia de pão com manteiga e deixou a varanda cheia de migalhas.

Ela a partir e o finório, com a patinha em concha, conseguiu apanhar uma porção delas.

Subiu, depois, a uma cadeira, daí para a mesa e, com os olhos em tira, olhou para dentro do aquário.

Os pobres peixinhos, ao verem aquela cabeça de fera, quasi dentro de água, desataram em corridas desordenadas.

Mas o Tareco abriu a patinha, deixando cair as migalhas sobre a água.

Sentou-se, em seguida, prudentemente, esperando o resultado.

Logo um peixinho guloso, veio ao de cima, com a bocarra aberta para engulir uma migalha.

Mal o viu, ao seu alcance, o Tareco deitou-lhe as unhas, trouxe-o já a estrebuchar para o chão e, num instante, o enguliu.

Pelo dia adiante, por este sistema engenhoso, foi dando cabo de todos os peixes.

A Clarinha e o Manuelzinho, muito desgostosos por terem perdido os seus peixes e desconfiados de que aquele caso misterioso fora devido a alguma diabrura do Tareco, nunca mais o viram com bons olhos.

Como castigo da sua grande maldade, o Tareco perdeu a amizade dos seus amiguinhos.

Agora, passa a vida muito tristinho, a focinhar na cozinha, único sítio onde o consentem.

«Que tens, bichaninho? Porque não lambes o pires de leite com tanto gosto como dantes!?» —

Mas o Tareco agitava o rabo em movimentos bruscos e afiava as unhas nas almofadas, com uns olhos enraivecidos.

«Andas zangado, não há que vêr! — tornava a menina). — Pois olha, os peixinhos são bem mais alegres que tu! Respara com que satisfação fazem cabriolas dentro da água!» — e, divertida, chegava-se ao aquário.

O gato, com o pêlo eriçado, fazia um zanzanhar furioso.

Sentia-se incompreendido pela Clarinha...

Sempre julgara que os peixes só seriam para comer.

Conhecia-os nas canastras das peixeiras, ou cozinhados nas travessas da mesa, e mesmo no seu prato, ao pé da chaminé...

Agora, como enfeite de sala!...

Quando o Manuelzinho os trouxera, o Tareco pensara logo, consigo: — «Já se vê que é petisco para mim!» —

Esperou, impaciente, que lhes puzessem mais à mão, porque, assim, dentro de tua, era difícil chegar-lhes.

Debalde, passou o tempo!

Nada disso sucedeu...

No dia seguinte, tentou meter a pata na

água, mas qual!... Por mais esforços que fizesse, eles escapavam-se-lhes das unhas.

Enervado, o Tareco perdeu o apetite, deixou de brincar e era tal a sua embirração aos meninos de casa, que mal eles lhe tocavam, mostrava os dentes e arranhava-os com as unhas afiadas.

Depois, uma ocasião, lembrou-se de se pendurar no pano da mesa, na esperança que o aquário viesse parar ao chão e os peixinhos, dessa maneira, lhe viessem parar à bôca, mas a manobra foi mal feita, o vidro só se desequilibrou e, se não fosse a pressa com que ele se escapuliu pela janela aberta para o jardim, que grande sova teria apanhado!

Tudo isto o tornara tão irascível, que não pensava senão na fórmula de conseguir os seus fins.

E êsse dia chegou.



CHARADAS

COMBINADAS

- + po = Batráquio
- + ra = Cólera
- + ro = Circunferência

- + la = goma
- + me = guia do barco
- + la = tecido

- + po = organismo
- + na = mágoa
- + to = cobertura

sara
colete
corpete

Conceito: — Peças de vestuário



HISTÓRIA DO REI PANCUDO

Por MARIO COSTA PINTO
 Desenhos de A. CASTAÑÉ

NÃO sei em que ano se passou o episódio que lhes vou contar e, também, por mais esforços que empregue, não sou capaz de me lembrar em que ponto da Terra existiu o reino de el-rei Pancudo...

Isto, no entanto, não tem importância de maior para o caso; vamos, pois, à história, que vocês já estão a postos para ouvir.

Há muitos séculos um guerreiro, seguido de muitos homens, tomou de assalto certo país desgovernado e, uma vez de posse dele, fez-se aclamar rei, passando desde esse momento a ocupar um rico trono, com embutidos de ouro e pedrarias reluzentes.

Lá se instalou, rodeado de grande côrte, na qual predominava gente de maus fígados.

Com um rei mau, como ele era, e com maus conselheiros, tornava-se impossível dar vida desafogada ao país e felicidade ao seu povo.

Dia a dia, a miséria aumentava e, dentro em pouco tempo, todo o vasto e tão mal aproveitado território do rei bárbaro, revelava o espírito do seu senhor que, possuindo dinheiro aos montes, o aferrolhava de tal maneira que

para nada servia, a não ser para garantir a opulência demasiada em que vivia, num riquíssimo paço, verdadeiro museu de preciosidades.

O pobre povo era obrigado a custear isto tudo do seu bôlso, com cara alegre, que é como quem diz: «fazendo das tripas coração».

Havia fome e desapontamento mas, nos jardins do palácio real, cresciam flores viçosas e belas que davam uma nota de alegria, alegria falsa, porém, pois ela não era o reflexo da alma popular.

Este estado de coisas vinha de longe, desde o princípio do governo do rei-usurpador, que ia aumentando a grandeza dos seus aposentos, ao mesmo tempo que mandava chicotear, desalmadamente, muitos dos seus súbditos.

A miséria e o barbarismo estavam de mãos dadas.

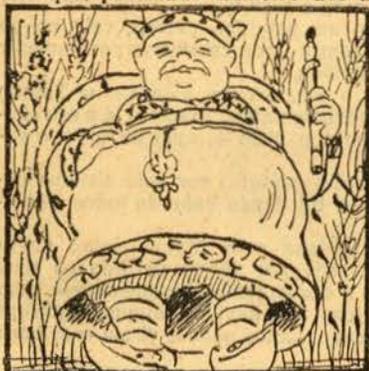
Fronteiro a este país, havia um outro Estado que tinha um rei muito bom, embora fôsse muito feroz nas batalhas que travava, de quando em quando, com os outros reis, com o intuito, que geralmente realizava, de alargar os seus territórios.

Chamavam-lhe el-rei Pancudo, por ser muito gordo, mas este dito não significava menos estima por ele, pois toda a gente lhe queria bem, por ser

amigo do povo, e procurar, a todo o transe, dar felicidade aos que viviam sob a sua real alçada.

Ora este senhor poderoso, observando do seu país o desgoverno do país fronteiro, entendeu que aquilo não podia fazer ninguém feliz e, então, ao seu cérebro acudiu uma ideia: — mover guerra, sem tréguas, ao rei bárbaro que lá governava, vencê-lo e depois tomar conta dos territórios desgovernados.

(Continua na página 17)



Reuniu os seus conselheiros e expôs-lhes o plano de conquista, verificando, com muito contentamento, que todos estavam plenamente de acôrdo.

—«Ora ainda bem que me compreendeis! — disse êle.

Vamos lá com meia dúzia de soldados valentes e é um instante enquanto tudo aquilo muda de figura. Aquela pobre gente está tão sacrificada que é mesmo um dó de alma ouvir os seus queixumes. Ganhamos territórios, damos felicidade àquele povo e, tornando em rosas os espinhos que por lá existem, aumentaremos a riqueza do nosso país.»

—«Quando deseja V. Majestade partir?» — atalhou um dos ministros.

—«Dentro de dois dias se não puder ser já amanhã!»

—«Pode ser hoje mesmo, Majestade! Desorientado como tudo aquilo está, tomaremos o trono dum salto e V. Majestade cingirá, imediatamente, mais uma corôa!»

—«Pois bem. Manda os aráutos avisar a nossa gente para que pegue em armas e vamos lá conquistar aquele desventurado país.»

Dito e feito. Momentos depois, el-rei Pançudo, à frente dos seus exércitos, punha o pé em terra conquistada, invadindo o país numa marcha fulminante.

O rei-bárbaro, apanhado de surpresa, pusera-se a salvo à aproximação do inimigo que nem sequer tivera de recorrer às armas para levar por diante o seu objectivo.

Não tendo encontrado qualquer resistência, antes um bom acolhimento o esperava, el-rei Pançudo, sem perder um único instante, começou trabalhando pelo bom govêrno dos seus novos territórios e, para mostrar aos seus súbditos que um rei logo de princípio é capaz de cativar o seu povo, mandou arrancar tôdas as flores dos jardins reais e semear trigo nas mesmas terras, arranjando assim pão às montanhas para distribuir por quem não o podia pagar e a quem, por o não ter, não se podia negar o direito de se alimentar.

El-rei Pançudo, bom rei, bom administrador e bom soldado, tornou-se o idolo do povo, e mais estimado e admirado se tornou, quando, um dia, deu ao país restaurado, como regente, uma linda princesa sua filha, que tinha tanto de beleza como de bondade.

Não havia pobre que se chegasse a ela, que não levasse dinheiro e palavras de conforto. Não havia queixume que ela não atendesse. Não havia desgraça a que ela não acudisse.

De regente passou, mais tarde, a rainha, governando, como sempre, com muita intelligência e acôrto.

Muitos anos mais tarde, el-rei Pançudo morreu e foi sentidamente chorado pelas populações dos dois países, às quais dera uma intensa e prolongada felicidade.

CONCURSOS MENSAIS

Emquanto não damos o resultado dos nossos dois primeiros concursos mensais, o que faremos no próximo número, acusamos a recepção de mais as seguintes produções, que fecham os nossos concursos relativos ao mês de Junho:

POESIA: — «O Ardina» por Mariluz — «Prêto Katula» por Dinarco, «Poesia» por João Marques Pereira — «Bébê é mau» por Fanny — «Guloseima castigada» por Violeta — «A dobadoira» por Maria da Saudade — «Coração bem formado» por Benedito.

CONTO: — «Filho exemplar» por Mariluz — «O Pastor» por Optimista — «Devagar se vai ao longe» por Dinarco —

«Pim-Pam-Pum e os galegos» por Marques de Figaros — «O arrependimento de Fernando» por Marylenado. «O fim do homem mau» por Odrande. — «A desobediência castigada» por João Marques Pereira. «Brincadeiras» por Eduardo Guedes — «Alma de Marinheiro» por Mário. «Perdido no pinhal» por Marene. «O milagre dum Sonho» por Fanny — «O Prémio de Honra» de Aíram Ailema Adiemla. «Um heroi e martir» por Pery — «Bondade recompensada» por Violeta — «A história doFarrusco» «Pela Vida e pela lida» — «O filho do Lenhador» por Pedro de Jagunto — «O Palácio doirado» por Violeta. — Honremos a nossa Pátria» por Estrela d'Alva — «Risos e lágrimas» por Lírio verde.

C O N C U R S O D O S B I C H O S

PREMIADOS E CLASSIFICADOS



Emídio Alvaro de Matos



Maria Fernanda Travassos Valdez



José Correia Levy Abrantes



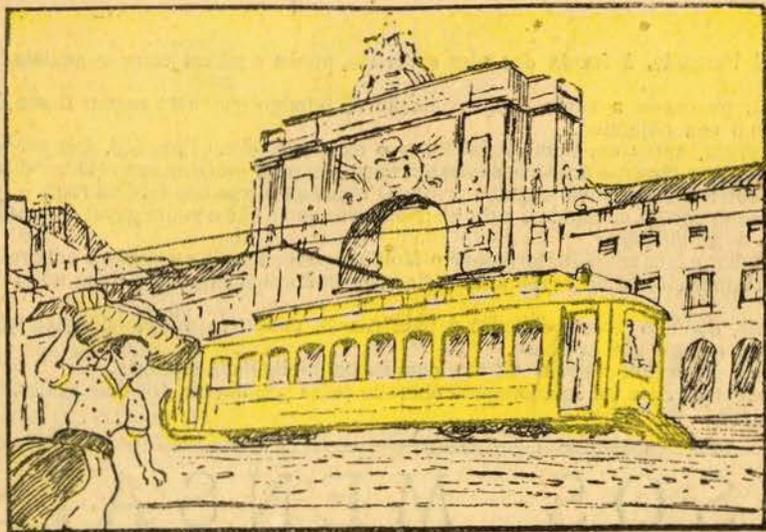
Odete Pires Esteves



Eduardo Luna de Carvalho

CANÇÕES INÉDITAS

DE AUGUSTO DE SANTA-RITA



CANÇÃO de LISBOA

Lisboa dos eléctricos passando
numa toada viva, tão louçã,
ruas, largos e praças alegrando:
— «Tim-tim-tan!... Tim-tan! Tim-tan!...»

Lisboa dos pregões tão prazenteiros...
Canastrinhas com peixes, fruta ou frangos,
perús em bando, ardinhas, cauteleiros...
— «Marca o cabaz de morangos!...»

Lisboa de assobios e descantes,
das serenatas e do «fala só»!...
Lisboa das buzinas ressonantes:
— «Pó-pó-pó!... Pó-pó!... Pó-pó!...»

Lisboa das gaiotas sôbre o Tejo,
dos pombos no Rossio e pardalitos
na praça de Camões, em doce rdejo,
chilreando, tão bonitos!

Lisboa dos gatinhos nos telhados,
dormindo ao sol doirado, ronronando!...
Regimentos passando, perfilados,
formosas marchas tocando!

Lisboa, capital de Portugal,
cidade que do Céu Deus abençôa,
por seu condão bondoso e natural!...
Lisboa: — Cidade boa!

F I M



VIRA QUE VIRA

Rapariga desvolte,
volta e vira vais dançar!...
Ai que linda viravolta
aqui dou com o meu par!

Na viração
da aragemzinha
dêste verão,
vira que vira,
vira a Palmira,
vira o João!

Rapariga solta, solta
a tua bela cantiga!
Ai que linda viravolta
aqui dêmos rapariga!

Na viração
da aragemzinha
dêste verão,
vira que vira,
vira a Palmira,
vira o João!

Vira, vira, meu rapaz,
vira, vira, rapariga!
Grande alegria me traz
a tua linda cantiga!

Na viração
da aragemzinha
dêste verão,
vira que vira,
vira a Palmira,
vira o João!

F I M